
Percepção materna do estado nutricional de crianças em idade pré-escolar frequentadoras de creches públicas

Maternal perception of nutritional status of pre-school children through the marketing of public day care

Audeniza Silva de Oliveira¹, Patricia Helena Gilberto Rios Pereira¹, Bettina Gerken Brasil¹, Janaína Paula Costa da Silva², Ciro João Bertoli¹, Claudio Leone³, Viviane G. Nascimento¹

¹Curso de Nutrição da Universidade Paulista, São Paulo-SP, Brasil; ²Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil; ³Departamento de Medicina da Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, Brasil.

Resumo

Objetivo – Analisar a correlação entre a percepção materna e o estado nutricional de seus filhos em idade pré-escolar. **Métodos** – Estudo transversal realizado com 661 crianças com idade entre 2 e 4 anos incompletos. A classificação do estado nutricional foi baseada na distribuição do escore z do Índice de Massa Corporal (zIMC), segundo critério do Ministério da Saúde (2009). Além disso, foi estimado o coeficiente de correlação de Pearson entre zIMC e a percepção materna em relação ao peso da criança. A percepção materna foi caracterizada a partir da questão: “Em relação ao peso da criança você acha que: está adequado; abaixo do adequado; muito abaixo do adequado; acima do adequado; ou muito acima do adequado”. **Resultados** – A média de escore z de IMC foi de 0,57 (IC 95%: 0,48 a 0,66) com desvio padrão de 1,19 e mediana de 0,52. A prevalência de excesso de peso dos pré-escolares (risco de sobrepeso, sobrepeso e obesidade) foi de 29,8%. A percepção materna da condição nutricional percebida e o diagnosticado evidenciou uma correlação direta significativa com o escore z de IMC da criança ($r=0,46$; $p<0,0001$). **Conclusão** – Observa-se que existe uma tendência positiva de correlação entre a percepção materna e o estado nutricional dos pré-escolares, sugerindo que em geral a mãe tem uma percepção razoavelmente adequada da condição nutricional do filho.

Descritores: Percepção; Estado nutricional; Pré-escolares; Índice de massa corporal; Obesidade

Abstract

Objective – Analyze the correlation between the perception and the nutritional status of their children in preschool age. **Methods** – Cross-sectional study conducted with 661 children aged between 2 and 4 years of age. The classification of nutritional status was based on z score distribution of body mass index (zBMI), according to the Ministry of Health (2009). In addition, it was estimated the Pearson correlation coefficient between zBMI and maternal perceptions regarding the child's weight. Maternal perception was characterized from the question: “in relation to the weight of the child do you think: is appropriate; below the appropriate; far below the appropriate; above the appropriate; or well above the appropriate”. **Results** – The average BMI z score was 0.57 (95% CI: 0.48-0.66) with standard deviation of 1.19 and median of 0.52. The prevalence of overweight of preschoolers (risk of overweight, overweight and obesity) was 29.8%. Maternal perception of perceived nutritional condition and diagnosed showed a direct correlation significant with the child's BMI z score ($r = 0.46$; $p < 0.0001$). **Conclusion** – It is observed that there is a positive trend of correlation between the perception and the nutritional status of pre-school children, suggesting that in general the mother has a reasonably adequate perception of the nutritional condition of the son.

Descriptors: Perception; Nutritional state; Preschoolers; Body mass index; Obesity

Introdução

A obesidade é provavelmente, a alteração metabólica mais antiga que se conhece, tendo sido descrita em monografia datada do século XVII¹. Evidências da literatura têm apontado que a obesidade é um fenômeno de múltiplas origens e substancialmente influenciada por fatores genéticos e ambientais².

Ao mesmo tempo em que declina a ocorrência da desnutrição em crianças e adultos, aumenta a prevalência de sobrepeso e obesidade na população brasileira, mostrando, nas últimas três décadas, um comportamento claramente epidêmico do problema³⁻⁴.

A obesidade infantil vem se destacando como um problema de saúde pública⁵, o aumento na sua prevalência é preocupante devido ao risco dessas crianças tornarem-se adultos obesos, podendo levar a condições mórbidas associadas. Estima-se que cerca de um terço dos pré-escolares e metade dos escolares obesos tornam-se adultos obesos⁶⁻⁷.

Fatores ambientais são claramente definidos como associados ao sobrepeso na infância, tais como hábitos alimentares indesejáveis, inatividade física e obesidade dos pais⁸.

Práticas alimentares dos pais influenciam a dieta das crianças, principalmente no que diz respeito à ingestão de alimentos considerados não saudáveis⁹. No entanto, existem outros fatores que ainda precisam ser mais estudados, para melhor definir a relação causal com o excesso de peso infantil⁸.

Os pais tendem a subestimar o peso dos filhos, principalmente das crianças com sobrepeso ou obesidade. Estudo realizado com crianças afro-americanas entre 5 e 10 anos, mostrou que 54% dos pais tiveram percepção inadequada em relação ao peso dos filhos¹⁰. Resultado diferente foi encontrado em estudo realizado no Brasil com crianças de 8 a 15 anos de idade, da cidade de São Paulo, onde a maioria dos familiares demonstrou perceber o excesso de peso da criança, assim como os riscos

que ele poderia representar, referindo-se à necessidade de emagrecimento, face as possíveis consequências para a saúde, vida social e emocional dessas crianças¹¹.

Entre as possíveis causas para explicar a não percepção do excesso de peso entre as mães das crianças, pode-se citar a crença, ainda presente, de que a criança “gordinha” é a que tem boa saúde, e portanto, recebe o melhor cuidado dos pais¹² construindo assim, as próprias concepções e racionalidade acerca de eventuais distúrbios, embasados nas próprias experiências e no contexto cultural em que estão inseridas¹³.

Distúrbios nutricionais extremos, como obesidade e desnutrição, deveriam ser mais facilmente percebidos pelos responsáveis das crianças, inclusive porque, em tais condições, os sinais clínicos são visualmente perceptíveis. Entretanto, mães de crianças com sobrepeso ou desnutrição acabam apresentando risco cinco vezes maior de classificar erroneamente o estado nutricional de seus filhos¹⁴.

Uma percepção materna adequada quanto ao estado nutricional de seus filhos pode contribuir para a procura de assistência profissional especializada mais precocemente, resultando em maior aderência ao tratamento proposto¹³⁻¹⁵, pois os pais são importantes na formação do padrão alimentar de seus filhos e na prevenção e tratamento do excesso de peso, devido à dependência para ter acesso ao alimento e a um estilo de vida saudável⁵.

O não envolvimento da família no tratamento poderia resultar em maiores dificuldades, inclusive no sucesso de intervenções, pois para isso, seria necessário o envolvimento dos pais, que acabam sendo modelo de comportamento alimentar para a criança¹⁶.

A assistência prestada nos serviços de saúde poderá ter seu impacto limitado quando não se leva em consideração que mães, responsáveis e cuidadores das crianças exercem um papel fundamental na recuperação, manutenção, prevenção de doenças e proteção da saúde da criança no domicílio¹⁵.

Como consequência, o conhecimento da percepção materna acerca do estado nutricional de seu filho pode ser uma importante ferramenta auxiliar no tratamento da obesidade infantil. Assim sendo, neste estudo, objetivava-se analisar a correlação entre a percepção materna e o estado nutricional de crianças em idade pré-escolar.

Métodos

Estudo de corte transversal, cujas análises estatísticas inéditas foram realizadas a partir do banco de dados de pesquisa anterior intitulada “Prevenção precoce de sobrepeso e obesidade em crianças de pré-escolas municipais da cidade de Taubaté, Estado de São Paulo” (FAPESP nº 08/53142-9), realizada pelo Departamento de Saúde Materno Infantil da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, que tinha como objetivo apenas avaliar o estado nutricional dos pré-escolares de creches municipais da cidade de Taubaté.

Para a pesquisa anterior a amostragem foi realizada por conglomerados, de maneira probabilística e aleatória, a partir de listagem de 59 creches de diferentes regiões da cidade, fornecida pela Secretaria de Edu-

cação e Cultura da Prefeitura Municipal de Taubaté, tendo como unidade amostral as próprias creches, sendo sorteadas 9 creches, em sequência, até que se completasse o lote amostral de pré-escolares estimado como necessário.

Peso e estatura foram coletados, na própria creche, para verificação do Índice de Massa Corporal (IMC). Para aferição do peso foi utilizada balança Seca® 803 com capacidade para 150 kg e para aferição da estatura foi utilizado estadiômetro Wiso® com capacidade para 2,0m. Todas as medidas foram realizadas utilizando técnicas padronizadas conforme descrito por Lohman *et al.*¹⁷.

Os valores do Índice de Massa Corporal (IMC) foram transformados em escores z, a partir dos valores para cada sexo e idade propostos no referencial da Organização Mundial de Saúde de 2006¹⁸.

Para classificação do estado nutricional foram utilizados os critérios de escore z do IMC (zIMC), propostos em 2009, pelo Ministério da Saúde do Brasil, para menores de 5 anos de idade, que definem como magreza acentuada crianças com zIMC < - 3, com magreza zIMC ≥ - 3 e < - 2, com eutrofia zIMC ≥ - 2 e ≤ + 1, em risco de sobrepeso um zIMC ≥ 1 e < 2, e sobrepeso zIMC > + 2 ≤ + 3 e com obesidade zIMC > + 3¹⁹.

Após a coleta dos dados antropométricos, foi enviado um questionário relativo à pesquisa anterior, para as mães das crianças avaliadas antropometricamente, com orientação para seu auto-preenchimento. O questionário visava coletar informações sobre características sociodemográficas da família e dados sobre a alimentação da criança. Os dados foram coletados em 2009 e 2010.

Para o atual estudo foram utilizadas as respostas ao quesito, do já referido questionário, que abordava a percepção materna quanto à condição nutricional da criança. Esse dado havia sido coletado a partir da seguinte pergunta: “Em relação ao peso da sua criança você acha que está: – adequado; abaixo do adequado; muito abaixo do adequado; acima do adequado; muito acima do adequado”; cuja análise estatística frente aos dados de antropometria (IMC) das crianças ainda não havia sido realizada.

A amostra utilizada para a presente análise foi composta por 661 crianças com idade entre 2 e 4 anos incompletos, matriculados e frequentando as creches municipais da Cidade de Taubaté, Estado de São Paulo, pois da amostra correspondente à pesquisa anterior, foram excluídas 6 crianças cujos dados antropométricos apresentavam inconsistências, isto é, situavam-se acima ou abaixo de 4 desvios padrão da média do grupo e, além disso, eram discordantes das demais medidas da criança.

A análise dos dados foi realizada por meio de tabelas de frequência e medidas de tendência central e dispersão. Também foi calculado, pelo Coeficiente de Pearson, a correlação entre o zIMC e a percepção materna do peso de seu filho. Para os cálculos se utilizou o software GraphPad Prism – Version 6.01; definindo-se como significância estatística um alfa igual ou menor que 0,05.

O presente estudo teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (protocolo nº. 1877 de 24 de abril de 2009). O Termo de Consentimento Livre e Es-

clarecido foi assinado por todas as mães dos pré-escolares que fizeram parte da pesquisa.

Resultados

Dos pré-escolares avaliados, 50,2% (332/661) eram do sexo masculino, 36,0% (238/661) estudavam no período da manhã, 86,2% (570/661) não apresentam doenças crônicas. A média de idade dos pré-escolares era de 38,5 meses com um desvio padrão de 3,9 (IC95% 38,2 a 38,8).

Em relação, às famílias dos pré-escolares, obtiveram-se, os seguintes resultados: 80,6% (533/661) das mães tinham um companheiro fixo, 61,7% (408/661) trabalhavam fora de casa, 53,4% (353/661) das famílias viviam com renda entre 2 e 3 salários mínimos, 55,0% (363/661) dos pré-escolares possuíam 3 a 4 pessoas residentes em seus domicílios, 69,0% (456/661) dos pré-escolares tinha outros irmãos, 60,4% (399/661) das mães haviam concluído o Ensino Médio e 34,6% (229/661) tinham idade entre 22 e 27 anos. (Tabela 1)

Quanto ao estado nutricional, os pré-escolares apresentaram uma média de escore z de IMC de 0,57 (IC95%: 0,48 a 0,66) com um desvio padrão de 1,19. Em relação à média de escore z de estatura, os pré-escolares apresentaram média de -0,06 (IC95%: -0,14 a 0,02) com um desvio padrão de 1,07. A média de escore z de peso/idade foi de 0,35 (IC95%: 0,26 a 0,44) com um desvio padrão de 1,17.

A Tabela 2 mostra a distribuição dos pré-escolares segundo o estado nutricional baseado no escore z de seu Índice de Massa Corporal (IMC), evidenciando que 69,7% dos pré-escolares eram eutróficos, e que 29,5% apresentavam excesso de peso ($zIMC \geq 1$).

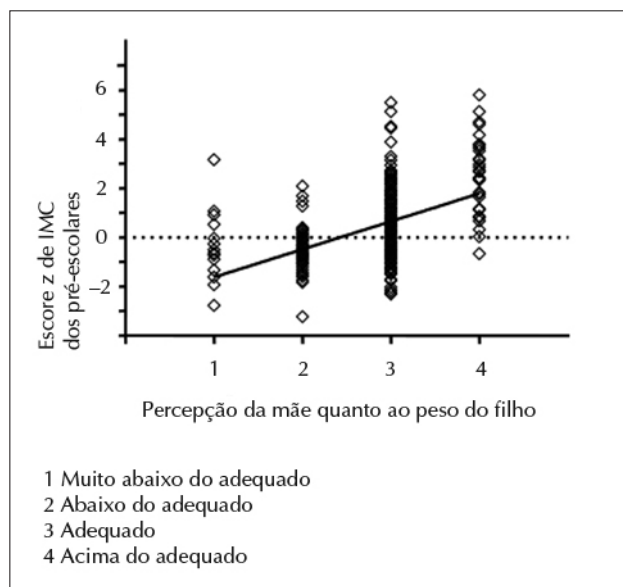


Figura 1. Distribuição do escore z de IMC dos pré-escolares, segundo a percepção da mãe quanto ao peso de seu filho. Taubaté, São Paulo, SP, 2009 e 2010

A Figura 1 mostra uma correlação positiva, significativa estatisticamente, entre a percepção da mãe e o estado

Tabela 1. Distribuição das variáveis do estudo. Taubaté, São Paulo, 2009-2010

Variáveis	n	%
Sexo		
Masculino	332	50,2
Feminino	329	49,8
Período na creche		
Manha	238	36,0
Tarde	191	28,9
Integral	232	35,1
Doença crônica (criança)		
Não	570	86,2
Sim	86	13,0
Não respondeu	5	0,8
Possui irmão gêmeo		
Não	648	98,0
Sim	13	2,0
Possui irmãos		
Não	205	31,0
Sim	456	69,0
Situação conjugal da mãe		
Não tem companheiro	128	19,4
Tem companheiro	533	80,6
Situação de trabalho da mãe		
Não trabalha	253	38,3
Trabalha fora de casa	408	61,7
Quantidade de pessoas residentes no domicílio da criança		
1 — 2	44	6,6
3 — 4	363	55,0
5 ou mais	254	38,4
Quantidade de crianças < 6 anos residentes no domicílio		
1	421	63,6
2	201	30,4
3 ou +	39	6,0
Contribui para renda da família		
Pai	425	64,3
Mãe	172	26,0
Outros	64	9,7
Renda		
≤ 1 salário mínimo	80	12,1
2 a 3 salários mínimos	353	53,4
≥ 4 salários mínimos	143	21,6
Não relataram	85	13,0
Escolaridade materna		
Ensino fundamental incompleto	111	16,8
Ensino fundamental completo	106	16,0
Ensino médio	399	60,4
Não responderam	45	6,8
Idade materna*		
16 — 21	80	12,1
22 — 27	229	34,6
28 — 33	191	28,9
34 — 39	93	14,1
≥ 40	56	8,4

* Não referiram à idade (n=12) 1,8%

Tabela 2. Distribuição dos pré-escolares segundo o estado nutricional. Taubaté, São Paulo, SP, 2009-2010

Estado nutricional	n	%
Magreza acentuada	1	0,1
Magreza	5	0,7
Eutrofia	460	69,7
Risco de sobrepeso	137	20,7
Sobrepeso	35	5,3
Obesidade	23	3,5
Total	661	100,0

nutricional dos pré-escolares. ($r=0,46$; $p < 0,0001$).

Em relação à percepção materna verificou-se que a proporção de mães de meninos que classificaram de maneira equivocada o estado nutricional foi de 24,7% (82/332) e de mães de meninas foi de 26,7% (88/329), sendo que, essa diferença não foi estatisticamente significativa ($p=0,6075$).

Ao analisar a percepção materna de pré-escolares com excesso de peso ($ZIMC \geq 1$) e sem excesso de peso ($ZIMC \geq -2$ e $\leq +1$), independente do sexo, verificou-se que 16,7% (197/661) e 98,7% (458/661) das mães identificaram corretamente a condição nutricional das crianças, respectivamente, e essa diferença foi estatisticamente significativa ($p < 0,0001$).

Discussão

O presente estudo mostrou existir uma correlação positiva entre o estado nutricional dos pré-escolares e a percepção materna a respeito, ficando evidente, que, nessa amostra, parte das mães tinha uma percepção bastante adequada da condição nutricional atual de seu filho, mesmo considerando que 69,7% dos pré-escolares estavam com o peso adequado e que a prevalência de excesso de peso afetava quase um terço dos pré-escolares e a prevalência de obesidade (3,5%) foi 35 vezes maior do que a frequência esperada pela distribuição do referencial.

Embora a correlação positiva e a significância estatística possam sugerir que exista uma percepção adequada da condição nutricional das crianças por parte das mães, ao analisarmos a capacidade explicativa ($r^2=0,21$), verifica-se que também há uma parte importante das mães que não tiveram essa percepção adequada.

A prevalência de excesso de peso encontrada deve ser considerada elevada, levando-se em conta a condição socioeconômica, a idade das crianças e a prevalência observada em outros estudos realizados no Brasil^{14,20,22}.

O resultado mostra que a percepção materna quanto ao estado nutricional da criança não diferiu em relação ao sexo. Ao considerar o estado nutricional das crianças a partir do seu Índice de Massa Corpórea, observa-se que a maioria das mães de crianças com excesso de peso classifica o estado nutricional de seus filhos de maneira equivocada, ao contrário do que ocorre com as mães de crianças sem excesso de peso.

Essa tendência positiva das mães em reconhecer o peso excessivo de seus filhos, permitiria a elas intervir no monitoramento e controle do excesso de peso da criança, evitando o surgimento de problemas relacionados à obesidade tanto na infância, quanto na idade adulta. Permitiria também, tomar decisões relativas ao estilo de vida que poderiam afetar de maneira positiva a saúde de seu filho, como, por exemplo, levar a mudanças no ambiente e estilo de vida familiar, além de incentivar uma alimentação saudável²³.

Alguns estudos internacionais demonstram que a maioria das mães estima corretamente o peso dos filhos, no entanto, somente uma pequena parcela acredita que a obesidade infantil seja um risco para a saúde, apesar da

crescente preocupação pública sobre a obesidade infantil, a maioria das mães não se preocupam com o peso de seu filho, o que pode dificultar a eficiência dos programas de intervenção para a prevenção e tratamento da obesidade na infância, ressaltando a importância do diagnóstico precoce do excesso de peso em crianças e a necessidade de reconhecimento por suas mães^{7,10,24-27}.

No Brasil, foram avaliadas crianças de 8 a 15 anos de idade, residentes na cidade de São Paulo, observando que a maioria dos familiares percebe o excesso de peso da criança, assim como, os riscos que ele poderia representar, referindo necessidade de emagrecimento e relatando possíveis consequências que poderia trazer para a saúde, vida social, emocional e autoestima dessas crianças; mesmo a maioria referindo à necessidade de emagrecimento, os pais pareciam não atuar no controle alimentar de seus filhos¹¹.

Estudo realizado com o objetivo de descrever e comparar a percepção materna e a autopercepção da criança/adolescente do seu estado nutricional e identificar fatores associados a erro na percepção, observaram que 24,7% das mães tiveram uma percepção incorreta do peso de seu filho¹².

As mães apresentam dificuldades para reconhecer o peso do seu filho, apesar de demonstrarem preocupação com o peso futuro da criança e de considerarem mais saudável uma criança com peso normal¹⁶.

O papel dos pais no tratamento da obesidade pode ser importante à medida que, se as mães não reconhecem seus filhos como obesos não adotam ou não investem em um novo padrão de comportamento alimentar, sendo este, um possível fator de risco para o desenvolvimento da obesidade⁹.

Muitos pais de crianças com excesso de peso não reconhecem ou não consideram que este seja um problema de saúde. A falta de consciência do excesso de peso e dos fatores de risco a ele relacionados dificulta o sucesso da prevenção e tratamento, bem como a consequente diminuição da prevalência da obesidade na infância¹⁵.

A adequada percepção tanto da família quanto da criança, possivelmente, promove a melhor adesão e também pode ser o requisito necessário para a procura de tratamento⁷. A figura materna é concebida como tendo um papel fundamental na formação dos hábitos alimentares dos filhos, no entanto, as mães das crianças com excesso de peso parecem não se apropriarem desta concepção quando se trata de seus filhos²⁸.

Uma limitação do presente estudo decorre do fato de se verificar apenas a percepção materna sobre a condição nutricional das crianças, o que pode dar a impressão de que toda a responsabilidade de um possível distúrbio nutricional deve ser apenas atribuída à figura materna, quando se sabe que a construção de um hábito alimentar saudável é de responsabilidade de toda a família, que acaba exercendo influência direta no estabelecimento dos hábitos, alimentares inclusive, da criança.

Entretanto, no nosso país, ainda prevalece o fato de que a figura materna é a principal responsável pela formação dos hábitos alimentares das crianças, principalmente, de menor faixa etária e de baixa renda.

Conclusão

O presente estudo mostrou uma tendência positiva entre a percepção materna e o estado nutricional dos pré-escolares, ficando evidente que parte das mães tem uma adequada percepção em relação à condição nutricional de seus filhos, mas que, infelizmente, isto parece não ser uma preocupação de fato, considerando a prevalência elevada de sobrepeso e obesidade em idades muito precoces.

O reconhecimento do excesso de peso pela mãe pode representar uma importante ferramenta para o processo de prevenção, intervenção, diagnóstico e tratamento da obesidade infantil, entretanto, esta preocupação deveria resultar realmente, com o auxílio das equipes de saúde e da própria escola, em comportamentos maternos e da família condizentes com os riscos que o excesso de peso acarreta para a saúde da criança, como desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis, persistindo inclusive, na vida adulta.

Isto propõe um desafio importante para o futuro, qual seja o de desenvolver métodos de intervenção que façam com que conhecimentos e percepções maternos e da família resultem de fato em comportamentos condizentes com o problema das crianças.

Referências

1. Oliveira AMA, Cerqueira EMM, Oliveira AC. Prevalência de sobrepeso e obesidade infantil na cidade de Feira de Santana – BA: detecção na família x diagnóstico clínico. *J Pediatr.* 2003;79(4):325-8.
2. Fernandes RA, Casonalto J, Christofaro DGD, Cucato GG, Oliveira AR, Freitas Júnior IF. Fatores familiares associados à obesidade abdominal entre adolescentes. *Rev Bras Saúde Mater Infant.* 2009;9(4):451-7.
3. Batista Filho M, Rissin A. A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais. *Cad Saúde Pública.* 2003;19(Supl):181-91.
4. Gutiérrez-Fisa JL. La epidemia de obesidad y sus factores relacionados: el caso de España. *Cad Saúde Pública.* 2003;19(Supl):101-10.
5. Jorge IM. Aceitação de alimentos por pré-escolares e atitudes e práticas de alimentação exercidas pelos pais (Tese). São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo; 2011.
6. Silva GAP, Balaban G, Motta MEF. Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes de diferentes condições socioeconômicas. *Rev Bras Saúde Mater Infant.* 2005;5(1):53-4.
7. Pakpour H, Yekaninejad MS, Chen HA. A percepção das mães sobre a obesidade em escolares: uma pesquisa e o impacto de uma intervenção educativa. *J Pediatr.* 2011;87(2):169-74.
8. Novaes JF, Franceschini SCC, Lamounier JA, Priore SE. Fatores ambientais associados ao sobrepeso infantil. *Rev Nutr.* 2009;22(5):661-73.
9. Camargo APP, Barros Filho AAB, Antonio MAR GM, Giglio JS. A não percepção da obesidade pode ser obstáculo no papel das mães de cuidar de seus filhos. *Ciênc Saúde Col.* 2013;18(2):323-33.
10. Young-Hyman D, Herman LJ, Scott DL, Schlundt DG. Care giver perception of children's obesity-related health risk: a study of african american families. *Obes Res.* 2000;8(3):241-8.
11. Venturini, LP. "Obesidade e família – Uma caracterização de famílias de crianças obesas e a percepção dos familiares e das crianças de sua imagem corporal" (dissertação de mestrado). Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo; 2000.
12. Boa-Sorte N. Percepção materna e autopercepção do estado nutricional de crianças e adolescentes de escolas privadas. *J Pediatr.* 2007;83(4):349-56.
13. Calvasina PG, Nations MK, Jorge MSB, Sampaio HAC. "Fraqueza de nascença": sentidos e significados culturais de impressões maternas na saúde infantil no Nordeste brasileiro. *Cad Saúde Pública.* 2007;23(2):371-80.
14. Giacomossi MC, Zanella T, Holfelmann DA. Percepção materna do estado nutricional de crianças de creches de cidade do Sul do Brasil. *Rev Nutr.* 2011;24(5):698-702.
15. Chuproski P, Mello DF. Percepção materna do estado nutricional de seus filhos. *Rev Nutr.* 2009;22(6):929-36.
16. Tenório AS, Cobayashi, F. Obesidade Infantil na percepção dos pais. *Rev Paul Pediatr.* 2011;29(4):634-9.
17. Lohman TG, Roche AF, Matorell R. Antropometric standardization reference manual. Champaign, IL: Human Kinetics Books; 1988.
18. World Health Organization. The WHO child growth standards. Geneva: WHO; 2006, 2007.
19. Ministério da Saúde (BR). Protocolos do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional SISVAN na Assistência à Saúde. Brasília: 2009.
20. Alves G. Avaliação antropométrica e consumo alimentar de pré-escolares em creches de Umuarama, Paraná. *Arq Ciênc Saúde Unipar, Umuarama.* 2008;12(2):119-26.
21. Nascimento VG, Silva JPC, Bertoli CJ, Abreu LC, Valenti VE, Leone C. Prevalência de sobrepeso em crianças pré-escolares em creches públicas: um estudo transversal. *São Paulo Med J.* 2012;130(4):225-9.
22. Geraldo APG, Pinto e Silva MEM. Alimentos processados na alimentação infantil: análise da memória visual de escolares da cidade de Taubaté, São Paulo. *J Human Growth Dev.* 2012;22(1):1-10.
23. Maynard LM. Maternal perceptions of weight status of children. *Pediatrics.* 2003;111(5):1225-32.
24. Campbell MWC, Williams J, Hampton A Wake M. Maternal concern and perceptions of overweight in Australian preschool-aged children. *Med J Aust.* 2006;184(6):274-7.
25. Rosas LG, Harley KG, Guendelman S, Fernald LC, Méjia F, Eskenazi B. Maternal perception of child weight among Mexicans in California and Mexico. *Matern Child Health J.* 2010;14(6):886-94.
26. Giordano SA, Sartori ML. Percepción de las madres del estado nutricional de sus niños en una escuela primaria de cachi. *Cimel.* 2012;17(1):37-41.
27. Garibotti G. Parenteral perception of psychophysical health, nutritional status and oral health in relation to sociodemographic characteristics in children in Bariloche, Argentina: an epidemiological study. *Arch Argent Pediatr.* 2015;113(5):411-8.
28. Silva JPC. Concepção materna sobre excesso de peso infantil e estado nutricional de seus filhos [tese]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2013.

Endereço para correspondência:

Janaína Paula C. da Silva
Faculdade de Saúde Pública – Universidade de São Paulo
Departamento de Saúde Materno-Infantil
São Paulo-SP, CEP 01246-904
Brasil

E-mail: jsilva.nutri@gmail.com

Recebido em 17 de julho de 2015.
Aceito em 29 de setembro de 2015